

As Aventuras de Pi (Life of Pi)

Diretor: Ang Lee. 2012 **Roteiro:** David Magee (romance homônimo: Yann Martel)

Fotografia: Claudio Miranda **Elenco:** Suraj Sharma,

Life of Pi é uma fábula do gênero monodrama (*embora Pi não seja o único personagem no barco. Ang Lee faz de Richard Parker outro personagem*), inspirado em romance, inicialmente, considerado “unfilmable”. Elaborado, em cenas fundamentais pelo CGI (*computer-generated-imagery*), a perfeição técnica nas imagens ilude o espectador incapaz de perceber a diferença entre o tigre real e o tigre construído pelo computador, o mar e o céu reais e aquelas fotos criadas e coloridas pela tecnologia digital, reforçando sua condição de fábula. A trama da fábula explora a relação (*íntima*) entre um jovem (*vegetariano*) e um animal (*carnívoro*) criando uma estória quase universal em seus elementos, tornando-a acessível à ampla diversidade de diferenças culturais, sociais e religiosas. Seu foco é concentrado na reflexão entre a força da fé, o crescimento espiritual, o poder, a majestuosidade e mistério do mundo cuidadosamente enquadrado no espelho entre o céu e o mar, numa metáfora da busca humana pela salvação. A fábula triangulando a relação entre o jovem, o tigre e o mundo maravilhoso e perigoso, fomenta a reflexão sobre a existência de Deus e sua presença nos desafios humanos. (“*Maybe Richard Parker can't be tamed, but with God's will he can be trained*”).

Divido em três partes, o filme é desenvolvido em flash back. Na primeira parte, os personagens e contextos são expostos e preparados para dar sentido e consistência aos elementos da fábula. A fábula, propriamente dita, ocorre na segunda parte do filme, inicialmente, desprovida de qualquer indicação de que não se trata da narrativa de um evento real. Pouco a pouco, a partir do naufrágio, o filme começa a liberar informações que suscitam dúvidas se a narrativa é uma fábula ou um evento. Na terceira parte, o filme “abre o jogo” ao expor as duas versões. Toda a trama do filme está circunscrita aos 80 minutos de narrativa da fábula – a coabitação perigosa e aleatória entre um predador e sua presa. Nessa coabitação, as diferenças e a relação entre os dois personagens vão se desabrochando. O tigre é movido unicamente por seu instinto de sobrevivência e Pi movido pelo sentido da existência humana no qual ele fundamenta sua ação (*sobrevivência pessoal e da fera*). Essa dualidade de motivos é consumada na cena na qual ambos se separam, nas areias mexicanas. O tigre, retorna ao seu habitat, para lutar pela sua sobrevivência, sem considerar sua história, ao passo que Pi, segue nas questões existenciais, movido por seu crescimento ganho na coabitação com a fera.

Sendo uma fábula, o filme não requer factibilidade entre os eventos que a constroem. Pouco a pouco, a veracidade dos eventos entra na trama como questão quase accidental. Diretor e roteirista, limitam-se a oferecer elementos mínimos a partir dos quais criam uma relação riquíssima entre os personagens utilizando seus elementos e propriedades mais banais, para mostrar a logística de sobrevivência de Pi (*e de Richard Parker*) dentro de um contexto de rara e inebriante beleza. A beleza comunica tanto quanto as ações dos personagens. Merece destaque a beleza da água, como algo transparente que abriga as criaturas oferecendo a elas alguma dimensão como êxtase. Ao longo da fábula, o espectador é conduzido de surpresa em surpresa, não para criar prazer, excitação, ou medo, como na maioria dos filmes, mas para estimular sua reflexão sobre a existência humana no mundo. Assim, o filme é reduzido a Pi, a Richard Parker, à barca, à jangada e ao mar.

A trama entre esses poucos elementos coloca, Pi e Richard Parker encarando a dualidade da vida: de um lado o espírito que pensa e dá forma ao mundo e à história, de outro lado, o corpo e sua energia que viabilizam a ação. Nessa relação, Ang Lee coloca o sentido ecológico para a ação humana. O filme cria no espectador algo de paixão pelo mundo natural, enfatizando sua cristalinidade como se fosse um cubo transparente. Diante dessa beleza, a reflexão e ação contra a natureza não têm sentido, uma vez que força e sentido, instinto e consciência,

natureza física e pessoas integram o mesmo mundo. Tudo o que existe é igualmente parte do mesmo todo, cuja beleza e riqueza devem ser preservadas. Além disso, o filme insinua, como parte desse sentido ecológico a empatia entre o ser humano e o mundo. Lee mostra diversos sinais da empatia entre Pi e o mundo (*particularmente entre ele e Richard Parker, como também na cena na qual a água reflete as estrelas reluzentes, como se o mar e o céu existissem em empatia, um com o outro*).

Parte significativa do filme está na plasticidade visual criada pela fotografia. A água é tratada como espelho ao colocar os espectadores numa situação de êxtase à deriva, tal como os personagens se encontram no barco. Algumas vezes parecem conscientes e outras parecem dopados. A câmera tanto vai para o fundo do mar como para o céu como buscando identificar e representar o olhar das estrelas e do mar sobre os personagens para criar no espectador a capacidade de imersão para ver dentro do mundo. Pi é visto pelo tigre, pelo mar e pelo céu. Nessa narrativa, Ang Lee consegue uma façanha digna de reconhecimento: as imagens produzidas pela CGI não são vazias, mas assumem a produção de conteúdos reflexivos profundos, principalmente na contribuição para comunicar o sentido escondido na natureza para a vida humana, para o esforço humano e para o crescimento. Essa riqueza de conteúdo evita que algumas cenas longas não sejam monótonas porque vale a pena contemplar tamanha beleza.

O filme tem significativo peso pedagógico. A experiência de Pi pode modificar tudo o que um indivíduo pensa sobre si mesmo e suas próprias possibilidades. Mesmo reconhecendo sua inexperiência e a dimensão das dificuldades, integrando reflexão e ação, Pi consegue criar competência e resiliência raramente vistas em seres humanos. Ele aprende a partir da crueldade do mundo para com ele, enfrentando a dor, o risco e a ininterrupta necessidade de atenção aos mínimos detalhes. Pi, um menino criado no jardim do Éden (*convivendo com animais*) é sincero, humilde, aberto e comprometido. Pi jamais toma o caminho da covardia, ou do individualismo. É um jovem corajoso, curioso e preocupado com o sentido da existência humana. Ele aprende a colocar de lado o medo do tigre e da morte para ser autocrativo, como aprende que o amor, a amizade (*mesmo com uma fera*) e a busca do verdadeiro sentido da vida, são o caminho da sobrevivência. Pi descobriu que sua tarefa não se limita a manter o tigre distante dele, mas a mantê-lo vivo, como forma de se manter vivo diante de dificuldades tão complexas. Richard Parker forma uma força tarefa de sobrevivência com Pi.

Como tal, Pi é o reverso do discurso, hoje, corrente no mundo da gestão de pessoas “na cola dos líderes”. O discurso do vencer pelo prazer da vitória, desconsiderando o poder destrutivo dessa vitória. Para Pi, não é o sucesso que está em jogo, mas a sobrevivência dele e de Richard Parker. Esses discursos solicitam a busca de soluções fora (*melhores práticas*) do indivíduo. Pi vai buscar as soluções dentro dele (*antes de tudo, nunca perca a esperança*) em suas próprias potencialidades e na certeza de sua própria força ontológica. Seguramente, muitos indivíduos descobrirão muito de si mesmos vendo este filme.

O filme coloca a questão da existência de Deus como ponto central da compreensão do mundo e dos desafios da vida. A busca de resposta à existência de Deus pervade a vida de Pi, desde a infância. Ao longo da ação na barca, a questão é verbalizada diversas vezes pelo próprio Pi. Lee encontrou uma forma de discutir essa questão sem tocar em qualquer controvérsia de valor ou de moral. Se Deus existe e escuta os apelos de Pi, por que não se revelar mais claramente? Por que Deus reage aos que o procuram com o silêncio? Pi enfrenta um desafio do qual resultam sua sobrevivência e um sentido mais profundo sobre o mundo e sobre a força que a natureza lhe deu. Será que Ang Lee não quis propor aos espectadores que os ateus e agnósticos não conseguem entender o mundo como Pi o entendeu? Se esta interpretação do filme é correta, não seria o silêncio de Deus a linguagem pela qual Ele se revela aos seres humanos?